

FICHA TÉCNICA

Título original: *Un Sac de Billes*

Autor: *Joseph Joffo*

Copyright © Éditions Jean-Claude Lattès, 1973

Posfácio do Autor

Versão portuguesa © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Fernando Scheibe (edição brasileira)*

Versão portuguesa: *Ana Cardoso e João Cardoso*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Capa: *Imagem gentilmente cedida por NOS Lusomundo Audiovisuais*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 433 714/17

1.ª edição, Lisboa, dezembro, 2017

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

PRÓLOGO

Este livro não é obra de um historiador.

É com as minhas memórias de criança de dez anos que relato as minhas aventuras no período da ocupação nazi em França.

Passaram trinta anos. A memória, bem como o esquecimento, poderão ter alterado algumas minudências. Mas a essência está toda aqui, na autenticidade, na ternura, nos episódios divertidos e nas angústias que vivi.

Para não ferir suscetibilidades, muitos dos nomes das pessoas que surgem nesta narrativa foram modificados. Trata-se da história de duas crianças num universo de crueldade, de absurdo e também de gestos de solidariedade, muitas vezes completamente inesperados.

I

No fundo do bolso, sinto o berlinde a rebolar-me entre os dedos. É o meu preferido e trago-o sempre comigo. Curiosamente, é o mais feio de todos: nada tem que ver com os lindos berlindes de ágata ou de chumbo que admiro na montra do senhor Ruben, na esquina da Rua Ramey. É uma simples bolinha de porcelana coberta com um verniz já feito em cacos que lhe origina asperezas à superfície, desenhos, parecendo mais uma miniatura do globo terrestre que está na minha sala de aula.

Gosto dela. É agradável podermos ter a Terra no bolso; as montanhas, os mares, tudo muito bem escondido.

Eu sou como um gigante que transporta consigo os planetas todos.

— Então, porra, tu jogas ou não?

O Maurice espera sentado na calçada diante da charcutaria. Tem as peúgas sempre descaídas, a formarem pregas que parecem um acordeão. Por isso, o meu pai chama-lhe acordeonista.

No degrau da porta, a senhora Epstein olha para nós. É uma velha búlgara toda enrugada, mais murcha do que uma uva passa. Estranhamente, ela manteve o rosto bronzeado de quem vive ao vento das grandes estepes. Ali, no vão da porta, sentada na sua cadeira de verga, ela é um pedaço vivo do mundo balcânico que nem o céu cinzento da Porta de Clignancourt consegue apagar.

Ali está ela, todos os dias a sorrir para as crianças que regressam da escola.

Diz-se que atravessou a Europa a pé, de *pogrom* em *pogrom*, para vir parar ao 18.º Bairro de Paris, onde deparou com outros refugiados do Leste: russos, romenos, checos, alguns companheiros de Trotsky, intelectuais e artesãos. Faz vinte anos que ela chegou: por mais que mantenha a tonalidade do seu rosto, muitas das suas recordações já se devem ter perdido.

Ela ri-se ao ver-me pavonear de um lado para o outro. Esfrega as mãos no avental gasto tão negro como a minha farda: nesta época, as fardas escolares eram pretas. Uma infância de luto carregado era algo bastante premonitório em 1941.

— Então, jogas ou não?!

É claro que hesito! Já lancei sete berlindes e perdi-os todos. Enquanto ele, o Maurice, tem os bolsos cheios com os que ganhou no recreio. Mal consegue andar. Só me resta um berlinde, e é o meu preferido.

O Maurice resmunga mais uma vez:

— Não vou ficar aqui sentado até amanhã...

Finalmente, decido-me.

O berlinde estremece na palma da minha mão. Lanço-o de olhos bem abertos. Ao lado.

Pois, não há milagres. Agora, o melhor é voltar para casa.

A charcutaria Goldenberg tem um ar engraçado, parece que está dentro de um aquário. Sucede o mesmo com todas as fachadas da Rua Marcadet, onduleiam como se estivessem num aquário.

Vou olhando para o lado esquerdo porque o Maurice está à minha direita. Assim, não me verá a chorar.

— Para de choramingar! — diz ele.

— Não estou a choramingar.

— Quando tu estás a olhar para o outro lado, já sei que estás a choramingar.

Enxugo o rosto com a manga da farda e, em vez de responder, acelero o passo. Vamos levar cá um raspanete: já deveríamos estar em casa há mais de meia hora.

Chegámos: mais adiante, na Rua de Clignancourt, fica o salão, com grandes letras pintadas na fachada, um traço tão bem delineado como o da professora da primária: «Barbearia Joffo.»

Maurice dá-me uma cotovelada.

— Toma lá, palerma!

Olho e agarro no berlinde que ele me está a devolver.

Um irmão é alguém que nos devolve o último berlinde que nos ganhou.

Recupero o meu planeta miniatura. Com ele, amanhã no recreio, saco-lhe um monte de berlindes. Tiro-lhos todos. Não é por ele ser dois anos mais velho que o deixarei levar a melhor!

Afinal, já tenho dez anos.

Mal entramos na barbearia, os odores invadem-nos.

A infância de cada um tem os seus próprios cheiros e eu tive direito a toda uma panóplia, desde a lavanda à violeta. Passo os olhos sobre os frascos das estantes, o cheiro a lavado das toalhas, e escuto o ruído do labor das tesouras. Foi a minha primeira melodia.

Quando entrámos, a barbearia estava cheia, as cadeiras todas ocupadas. Quando passei por ele, o Duvallier puxou-me a orelha como sempre. Tenho hoje a impressão de que ele passava toda a sua vida no salão, devia gostar do ambiente, das conversas... Compreende-se: estar só, velho e viúvo, no seu pequeno apartamento de um quarto andar da Rua Simart, devia ser horrível. Assim, ele descia a rua e passava a tarde com os judeus, sempre sentado na mesma cadeira, ao lado dos cabides onde os clientes penduravam os casacos. Quando todos já tinham saído, ele levantava-se, instalava-se e dizia: «A barba!»

Era o meu pai quem o barbeava. O pai das belas histórias, o rei da rua, o pai do crematório.

Fizemos os deveres. Naquele tempo, eu não tinha relógio, mas aposto que não levei mais do que quarenta e cinco segundos. Antes de aprender a matéria na escola, já eu a sabia. Ainda ficámos um bocado no quarto para que a nossa mãe ou algum dos nossos irmãos mais velhos não nos recambiassem de volta para o estudo e, depois, saímos.

O Albert suava as estopinhas para fazer um corte americano num enorme cabelo frisado. Ainda assim, virou-se para trás.

— Já fizeram os deveres?

O meu pai também nos viu, mas aproveitámos o momento em que ele estava na caixa a dar o troco a um cliente e escapámo-nos para a rua.

Aquela era a nossa boa vida.

Porta de Clignancourt, 1941.

Era um lugar perfeito para os miúdos. Hoje, fico surpreendido com os «espaços infantis» de que os arquitetos tanto falam. Nos edifícios novos, existem parques com caixas de areia, escorregas, baloiços, um monte de coisas. Tudo concebido por especialistas a abarrotar de diplomas em psicologia infantil para entreter as crianças.

E não funciona. As crianças aborrecem-se. Tanto ao domingo como nos outros dias.

Pergunto-me, então, se estes especialistas não deveriam investigar as razões da nossa felicidade naquele bairro de Paris. Uma Paris cinzenta com as luzes das lojas, os telhados altos com pontuais faixas de céu, os passeios entupidos com contentores do lixo que serviam para saltarmos por cima deles, os alpendres para nos escondermos e as campainhas para tocarmos e fugirmos a correr. Havia de tudo, porteiras à coca, carroças, a florista e as esplanadas dos cafés, no verão. Um verdadeiro labirinto, uma imensidão de ruas que se cruzam a perder de vista... Saíamos à aventura. Lembro-me de uma vez termos deparado com um ribeiro: ele surgiu-nos aos nossos pés na esquina de uma rua suja. Sentimo-nos uns exploradores. Soube, muito tempo depois, que se tratava do canal do Ourcq. Ficámos ali, até ao anoitecer, a observar rolhas e manchas de gasóleo a boiar.

— Vamos?

É quase sempre o Maurice a tomar a iniciativa.

Quando vou para responder, os meus olhos são atraídos para o topo da avenida.

E vi-os chegar.

Reconheço que chamavam bastante a atenção. Eram dois, altos, vestidos de negro e usando cinturões. Calçavam botas altas. Para brilharem daquela maneira, eles deviam passar o dia todo a engraxá-las.

O Maurice virou-se para mim e sussurrou-me:

— São SS.

Ficámos a vê-los caminhar. Não iam com pressa. Os seus passos eram lentos e pesados como se estivessem numa praça descomunal apinhada de cornetas e tambores.

— Queres apostar que vêm cortar o cabelo?

Penso termos tido, em simultâneo, a mesma ideia.

Colámo-nos à montra da barbearia como gémeos siameses e vimos os dois alemães a entrar.

Nesse momento, começámos a rir.

O pequeno letreiro com letras negras em fundo amarelo ficara oculto pelos nossos corpos:

«Yiddish Gescheft»¹

No interior, gerou-se o silêncio mais profundo que, possivelmente, nunca se tinha escutado numa barbearia. Dois SS aguardavam, sentados no meio de clientes judeus, para confiarem ao meu pai judeu, ou a um dos meus irmãos judeus, as suas cabeças.

No exterior, dois pequenos judeus contorciam-se expectantes.

II

O Henri passou a escova pelo pescoço de Bibi Cohen, que abandonou a cadeira e dirigiu-se à caixa. Ali ao lado, eu e o Maurice permanecemos atentos ao desenrolar dos acontecimentos.

Sinto uma bola no estômago. A situação é no mínimo bizarra. Que estarão aqueles dois a fazer em pleno coração da comunidade judaica?

O Henri dirige-se a um dos alemães.

— Senhor, é a sua vez.

O SS levanta-se e instala-se na cadeira com o boné em cima das pernas. Olha-se ao espelho como se o seu rosto fosse um objeto sem interesse ou até um pouco repugnante.

— Acima da orelha?

— Sim, e com o risco bem definido, por favor.

¹ «Estabelecimento Judeu.» (NR)